

RELAÇÕES COTIDIANAS E A ESTRUTURAÇÃO URBANA DE BELO CAMPO / BA

Luana Prado Cardoso¹

Graduada em Geografia/UESB

E-mail: luana.pradocardoso@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compreender as relações cotidianas e de que forma essas influenciam na estruturação urbana e da cidade de Belo Campo. A metodologia que utilizamos foi leituras vinculadas a Geografia Urbana, elaboração de mapas e aplicação de questionários aos moradores. Percebemos que a cidade se expandiu por duas direções, em relação ao Centro, direção oeste e noroeste. Por isso, nosso estudo sobre estruturação urbana e da cidade aborda as relações inerentes entre as áreas: central e periféricas; ligado a esse fator estão às relações cotidianas que foram divididas entre: trabalho, consumo e lazer. Nessa perspectiva, observamos que o trabalho, para grande parte dos moradores, se efetiva de modo precarizado, influenciando no modo que consomem e até mesmo no lazer. Assim, a atuação do Estado foi preponderante para esse entendimento, pois mobilizam as transformações/permanências das relações cotidianas e prontamente na estruturação. Dessa maneira, através das ações desse “agente” é que repercutem na maneira que o capital e a sociedade interferem nesse espaço urbano.

Palavras-chave: estruturação urbana, relações cotidianas, Belo Campo.

Introdução

Em relação às pequenas cidades, principalmente as localizadas na Bahia, essas, pelo menos em maioria, nas últimas décadas, foram marcadas pela expansão urbana, principalmente, em função da migração do campo para a cidade, o que caracterizou no surgimento das áreas periféricas. Esse processo vem ocorrendo na pequena cidade Belo Campo, município que está situado no Território de Identidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, no Brasil. O que se observa em relação à realidade dessa cidade é que a área central ainda tem um forte papel em relação às atividades de serviços e comércio. Mas, apesar disso, observa-se uma expansão territorial

É com base nessa situação que nosso objetivo é tentar entender como se constitui a relação entre a área central e as áreas periféricas de Belo Campo, já que notamos que houve um crescimento para duas direções em relação ao Centro, a oeste e nordeste. Para este estudo, sobretudo numa cidade pequena, é necessário averiguar o que é particular em determinados locais, e o que é geral, com a finalidade de compreender o espaço urbano, a estruturação urbana e estruturação da cidade. Esta

¹ Membro do Grupo de Pesquisa: Urbanização e produção de cidades na Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Janio Santos.

análise faz parte de uma pesquisa mais ampla. Por isso, no decorrer deste artigo, destacamos alguns itens: as relações cotidianas, como: trabalho, consumo e lazer; e em que medida podem se associar ao estudo sobre estruturação urbana.

As relações cotidianas fazem parte da sociedade urbana contemporânea. A cidade é onde concentra e comanda essas atividades de trabalho, consumo e lazer, que por sinal fazem parte também das relações urbanas. De certo modo, essas relações podem influenciar na estruturação, ou seja, no espaço intraurbano, intensificando a desigualdade e diferença, entre o centro e a periferia, nesse estudo de caso, entre a área central e as áreas periféricas da pequena cidade de Belo Campo.

Vida urbana em Belo Campo: repercussões socioespaciais

Primeiramente, quanto à concepção da cidade enquanto um conceito, é preciso diferenciar e conectar com o urbano, pois, muitas vezes, ambos são qualificados como sinônimos, deixando de lado a diversidade de cada um, e isso podem prejudicar no entendimento de uma pesquisa. Nesse sentido, é preciso levar em consideração o recorte temporal:

Elucidada essa ambigüidade terminológica, pode-se propor uma periodização do tempo histórico dividindo-o em três eras: a era agrária, a industrial, a urbana. Existiram cidades na era agrária e industrial. Mas a era urbana começa, e só está começando. (LEFEBVRE, 2008, p.81)

Destacamos a época que esse autor estudou essa questão, na década de 1970, quando, segundo ele, nenhuma dessas eras deixou de existir; a separação em tempos históricos serve de base para comparação e entendimento do que seja urbano e cidade.

Além da periodização histórica, o modo de produção pode ser considerado um dos conjuntos característicos que definem uma cidade. Segundo Lefebvre:

[...] a cidade é uma mediação entre uma ordem próxima e uma ordem distante. A ordem próxima é aquela do campo circundante que a cidade domina, organiza, explora extorquindo-lhe sobretrabalho. A ordem distante é a da sociedade no seu conjunto (escravista, feudal, capitalista, etc.). Enquanto mediação, a cidade também é o local onde as contradições da sociedade considerada se manifestam, como por exemplo, aquelas entre o poder político e os diferentes grupos sobre os quais esse poder se estabelece. (LEFEBVRE, 2008, p.82)

Nesse sentido, com base nessas idéias de Lefebvre, a relação entre o urbano e a cidade é mediada entre a ordem próxima e a ordem distante. A primeira vinculada à vida cotidiana; e o urbano como uma ordem mais distante, ou seja, são as relações mais amplas da sociedade ligadas ao modo de produção e ao Estado. Nesse contexto, o Estado é um dos agentes que produz e reproduz uma sociedade moldada pelo modo de produção.

Dessa maneira, podemos apreender que cidade é uma mediação entre essas duas ordens. A ordem próxima é a cidade concretizada e organizada, sendo que há influências das ordens distantes, vinculadas ao modo de produção. Segundo essas considerações sobre urbano e cidade, podemos associar com a realidade de Belo Campo, já que numa ordem distante tem como preponderante a atuação do modo de produção capitalista, agente econômico, através da expansão do setor de serviços/comércios, que por sinal está adjunto ao Estado, nos eixos municipal, estadual e federal num sentido político.

Desse modo, “a cidade, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico – e por outro lado o ‘urbano’, realidade social de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento” (LEFEBVRE, 1991, p.49).

Bacelar (2003) reforça que a cidade pode ser entendida como espaço concreto e o urbano são as relações estabelecidas na cidade. Sendo assim, podemos entender que é através das relações urbanas que ocorrem as transformações na mesma. Conforme esse mesmo autor, a cidade é onde as ações humanas se materializam e o urbano pode ser entendido como as formas urbanas que não se especificam ao lugar; é um modelo de vida, dessa forma a cidade se constitui através desse modelo.

Conforme essas explicações sobre o urbano e a cidade, podemos compreender que as transformações de Belo Campo ocorrem pelas relações urbanas, mediadas pela ordem próxima, através do cotidiano dos moradores da cidade, como, por exemplo, pelas relações de trabalho, lazer e consumo. Adjunto a isso, a ordem distante influencia por meio da atuação do Estado e do sistema capitalista, através das políticas públicas voltadas para a cidade e conseqüentemente para a população, e pela repercussão da expansão capitalista por meio do crescimento do comércio e venda de loteamentos.

De acordo essas especificações sobre a vida urbana e o cotidiano, notamos que os moradores da cidade de Belo Campo costumam fazer atividades do cotidiano

direcionadas ao trabalho, estudo, consumo e lazer. No que dizem respeito aos dias que seriam destinados a descansar, como nos sábados, domingos e feriados, as atividades são quase as mesmas. Assim, a ida à casa de parentes/amigos, a praça e a igreja são itens de diferenciação dos dias comuns. A relação que se estabelece com o campo pode ser considerada intensa, característica de cidades pequenas, e se manifesta pelas relações de trabalho e lazer; e vale destacar que há relações socioespaciais com outras cidades vizinhas.

Para o entendimento sobre as relações urbanas e a sua ligação com a estruturação é preciso apreender, resumidamente, o que consiste o urbano. Há muitas discussões sobre esse conceito, que pode ser abrangido conforme a forma ou modo de vida. Nesse sentido, muitas vezes, o urbano é definido apenas de acordo a cultura. O urbano vai além dessas ideias, pois, segundo Limonad: “[...] não apenas como uma cultura, mas enquanto satisfação de necessidades intrínsecas ao viver no urbano [...]”. (LIMONAD, 2004, p. 256).

Para melhor compreensão no que tange ao urbano, visto que é um modo de vida, é fundamental incluir o trabalho, dividido em dois eixos, como Limonad esclarece:

A categoria “modo de vida” fetichizada tende a excluir a categoria trabalho. Entretanto, podemos pensá-la de uma forma mais ampliada. Para tanto, necessitamos de articulá-la com a “condição de existência” e o “quadro de vida”. (LIMONAD, 2004, p.256).

Segundo Limonad (2004), o “quadro de vida” é o modo de vida cotidiano, adjunto à satisfação de necessidades básicas; já a “condição de existência” são os arrolamentos cotidianos do indivíduo com os homens e no espaço que ele vive. Assim, o urbano se expressa através das maneiras de como esse indivíduo está inserido no modo de produção vigente.

Por conseguinte, a vida urbana é o próprio cotidiano dos moradores, e isso pode repercutir diretamente na categoria socioespacial. Podemos entender pelo cotidiano e suas repercussões socioespaciais: o lazer, trabalho, consumo, estudo etc. Portanto, os modos de vida cotidianos dos moradores de Belo Campo se estabelecem pelas relações que estão inseridas na cidade, até mesmo com outras cidades e com o campo. Além disso, conforme esses moradores estão condicionados nesse espaço, ou seja, principalmente nas relações de trabalho, é que se abrangem nas relações urbanas.

Por isso, uma das características que iremos utilizar se encontra na categoria trabalho, que está articulada entre a “condição de existência” e o “quadro de vida”, aos quais mencionamos anteriormente.

Nesse sentido, o início de nossa análise sobre as relações cotidianas e a estruturação de Belo Campo parte da categoria trabalho, junto ao fator renda, porque pode ser um dos cerne das condições precarizadas de trabalho e os motivos que levam determinadas profissões serem mais “desvalorizadas” que outras.

Segundo os dados coletados, a maioria das pessoas que recebem um salário mínimo é aposentada/pensionista. Isso pode ser constatado porque nos bairros Cidade Nova e Eldorado, 21% e 22% respectivamente, recebem esse montante do total de pessoas que possuem essa renda salarial; “coincidentemente”, é nesses bairros onde reside a maioria das pessoas aposentadas/pensionistas. Isso indica a atuação do Estado na economia da cidade, por meio do grupo de aposentados e pensionistas (24%), além, é claro, da atuação dos servidores públicos, que, de certo modo, serve para a circulação e expansão do capital, seja por meio do comércio ou dos serviços.

É importante também assinalar que 58% das pessoas vivem com até um salário mínimo, e 30% não têm renda, nem trabalho, nem emprego; possivelmente são sustentadas por parentes ou pela ajuda do Estado por meio do Programa Bolsa Família, por exemplo. Esses dados reforçam que 88% sobrevivem com o mínimo, demonstrando que as “possibilidades” de ter trabalho ou mesmo de forma bem remunerada independem da vontade delas. Os problemas relacionados à renda, ou mesmo as condições inadequadas de trabalho, podem ser estruturais, vinculados ao modo de produção capitalista, que vem se perpetuando ao longo dos tempos.

Para uma complementação da análise da estruturação urbana de Belo Campo, iremos utilizar a variável renda, embora seja complicado, sobretudo numa pequena cidade, separar minuciosamente as classes sociais por essa variável. Uma das hipóteses dessa dificuldade pode ser o tamanho territorial, unido aos tipos de grupos populacionais e ao tamanho relativamente pequeno.

Além desses fatores, o número de pessoas que ganham mais de dois salários mínimos ou mais é proporcionalmente baixo, pois as que ganham entre mais de um e dois salários mínimos são 8%; e entre três e quatro salários mínimos são 4%, do total pesquisado são 12%, num espaço urbano relativamente pequeno.

De acordo aos dados obtidos, as pessoas que recebem renda entre um e dois salários mínimos se concentram principalmente nos bairros Centro e Portal (42%) e Eldorado com (19%), ou seja, a maioria das pessoas que ganham essa soma mora na área central. As pessoas que recebem entre três e quatro salários mínimos estão concentradas nesses bairros também, com 37% e 32% respectivamente. Dessa maneira, podemos apreender que há certa desigualdade entre a área central e as áreas periféricas, segundo a renda. (Figuras: 1 e 2)

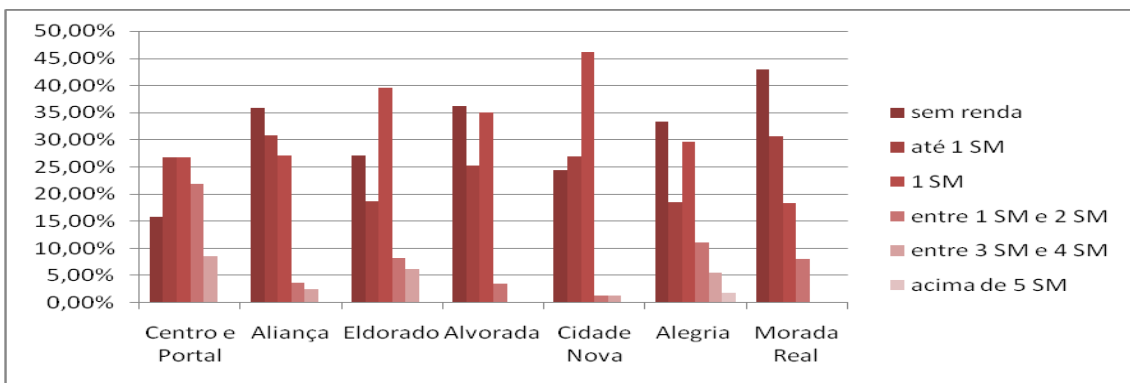


Figura 1: Renda média por pessoa, (todos adultos do domicílio), segundo a divisão de bairros. Pesquisa de campo, 2010.
Nota : Salário Mínimo = SM

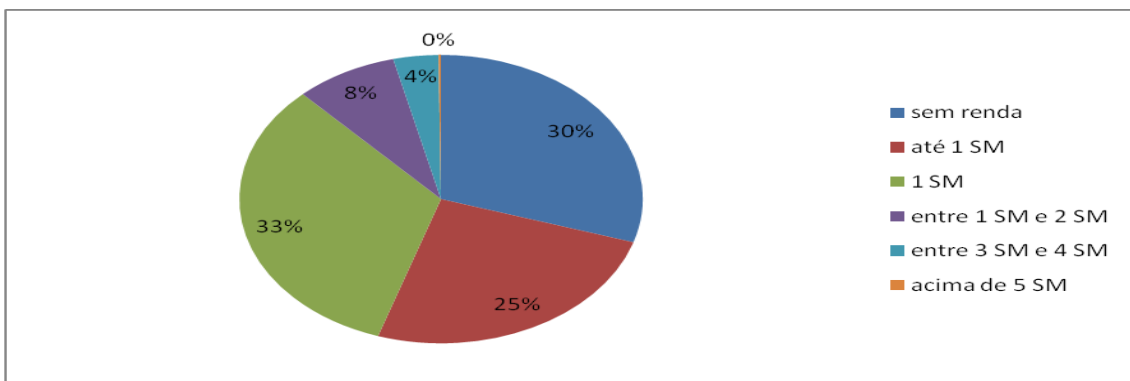


Figura 2: Renda média por pessoa, (todos adultos do domicílio), da cidade de Belo Campo. Pesquisa de campo, 2010.
Nota : Salário Mínimo = SM

Ademais, observamos que há “crescimento” dos setores terciários na cidade de Belo Campo, pois do total de adultos trabalhadores, a maioria está ocupada nos setores de serviços e comércio, depois na agricultura e, em seguida, na indústria. Mesmo no caso desse último, as pessoas que compõem esse setor não exercem essa atividade no

município. No caso da agricultura, muitos dos que trabalham nesse setor, quando têm sua terra na zona rural, trabalham por conta própria, cultivam produtos em determinadas épocas do ano, como mandioca, feijão etc., ou alugam as terras para criações; quando não têm terras, trabalham e, geralmente, ganham em média 20,00 por dia. Essas são uma das causas do setor de agricultura ser qualificado de subsistência, o que tem como consequência a mão de obra desses trabalhadores ser barata.

Na área dos setores de serviços e comércios, devem ser inseridos os funcionários públicos, que são 27% e, na maioria, municipais. Percebemos que o setor terciário ocupa 88% dos trabalhadores e a atuação do Estado é significativa nesse espaço urbano, pois se relaciona aos trabalhadores ligados ao setor público de serviços, grande empregador da cidade. (Figura 3)

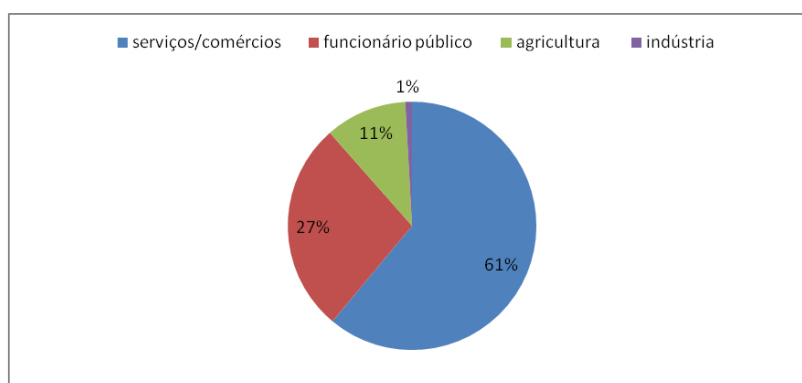


Figura 3: distribuição dos trabalhadores da cidade de Belo Campo, por setores. Pesquisa de campo, 2010.
Nota : funcionário público está incluído nos setor de serviços.

Assim, observamos que o desempenho do Estado, no modo de produção capitalista, na cidade de Belo Campo tem a função de, muitas vezes, não resolver a “raiz” do problema, que é algo estrutural. Podemos exemplificar pelas ações que esse agente político implementa, que, na verdade, são medidas paliativas, seja na disponibilização de benefícios para a população ou mesmo para tentar empregar uma porcentagem ainda maior de pessoas que estão sem emprego ou trabalho.

De acordo aos dados coletados, a atividade do setor de serviços e comércios sobressaiu mais que as outras. A maioria das pessoas vive com menos de um salário mínimo, conseqüentemente, isso repercute em necessidades básicas grandes, como nas áreas da saúde, educação, segurança, lazer e consumo. Significa dizer que o crescimento do setor terciário de Belo Campo não trouxe desenvolvimento social na cidade.

Isso pode ser demonstrado através de um simples exemplo: uma pessoa que ganha um pouco acima de um salário mínimo contrata uma empregada doméstica, que ganha bem abaixo de um salário; na condição de empregador, não tem como pagar a mais, já que tem outras despesas. Vale destacar, através desse exemplo, que essa circunstância não justifica essa exploração, há várias situações parecidas como essas.

Portanto, circunstâncias como essas podem ser consideradas como um ciclo “vicioso”, ou seja, a baixa renda salarial dos moradores da cidade perpetua ainda mais a precarização e a exploração do trabalho. Os moradores reconhecem, muitas vezes, que são “explorados” ou que são “exploradores”; para ambas as situações é como se não houvesse outros “caminhos” para tentar melhorar as condições precarizadas. Mas, afinal de contas, qual seria o caminho para amenizar essa situação, diante dessa sociedade que vivemos?

Nesse sentido, dentre os motivos das “escolhas” de trabalho, estão à falta de opção, necessidade e oportunidade, embora muitos relataram que se adaptaram à profissão/emprego e acabaram gostando. Muitos dos questionados agregaram a falta de escolha com a baixa escolaridade, ainda que, não necessariamente, a carência de estudos seja razão condicionante.

Embora, em alguns casos, a escolaridade, junto à renda média, não sejam exemplos que podem influenciar na condição de existência da pessoa na cidade de Belo Campo, observamos, por meio de dados, que, de certa maneira, a escolaridade pode influenciar ou inibir a ascensão econômica tão almejada.

Assim, profissões que exigem escolaridade de nível superior, como a de professor, enfermeiro ou outras, podem ser um diferencial pequeno, segundo a renda, já que essas profissões possibilitam ganhar um pouco a mais que um salário mínimo. Observamos que a profissão professor predomina segundo a escolaridade de nível superior. Esses moradores situam-se, na maioria, nos bairros da área central, Centro/Portal (48%), Eldorado (24%) e também Alvorada (16%), e muitos desses ganham mais que um salário mínimo. Parte desses bairros, principalmente Centro, Portal e Eldorado, concentram a maioria das pessoas que possuem renda um pouco acima de um salário mínimo ou até bem mais que isso. A questão é que, no caso de Belo Campo, em que as condições de existência são mais afetadas, receber um pouco mais de um salário é muito.

Portanto, de acordo essas considerações sobre a renda, profissão, escolaridade e abrangência no espaço urbano de Belo Campo, verificamos que grande parte dos trabalhadores vive em condições salariais precárias, com renda menor que um salário mínimo, com poucas disparidades entre a área central e as áreas periféricas.

Influências nas relações urbanas na estruturação de Belo Campo.

O intenso processo de urbanização, teve como conseqüências o crescimento populacional da cidade de Belo Campo, logo, a sua expansão. Dessa maneira, a estruturação urbana veio se caracterizando pela relação entre o centro e a periferia, mais precisamente entre área central e as áreas periféricas, pois não há nitidamente a divisão de bairros, até mesmo para os moradores. Isso pode ser diagnosticado, principalmente, a partir de sua emancipação política, no ano de 1962. Assim, conforme a cidade foi crescendo no decorrer dos anos, a periferia de Belo Campo foi sendo composta pela formação de novos bairros além do Centro. Dessa forma, para análise da estruturação urbana de Belo Campo utilizar-se-á a divisão de bairros, adaptada de acordo Lopes (2008): Centro, Portal, Eldorado, Aliança, Alegria, Morada Real, Cidade Nova e Alvorada. (Figura 4)

Inicialmente, vamos tentar caracterizar a sociedade urbana, com objetivo de aprofundar na apreensão empírica e conceitual da estruturação urbana. Para Lefebvre:

O urbano, isto é, a sociedade urbana, ainda não existe e, contudo, existe virtualmente; através das contradições entre o habitat, as segregações e a centralidade urbana que é essencial à prática social, manifesta-se uma contradição plena de sentido. (LEFEBVRE, 2008, p.84)

Podemos dizer que o urbano é algo que está em constante processo, por isso que o autor menciona que ainda não existe, é algo em potencial. Uma das características dessa sociedade urbana que pode ser associada à realidade da cidade de Belo Campo é a segregação no espaço urbano, que também pode ser evidenciada pela especulação

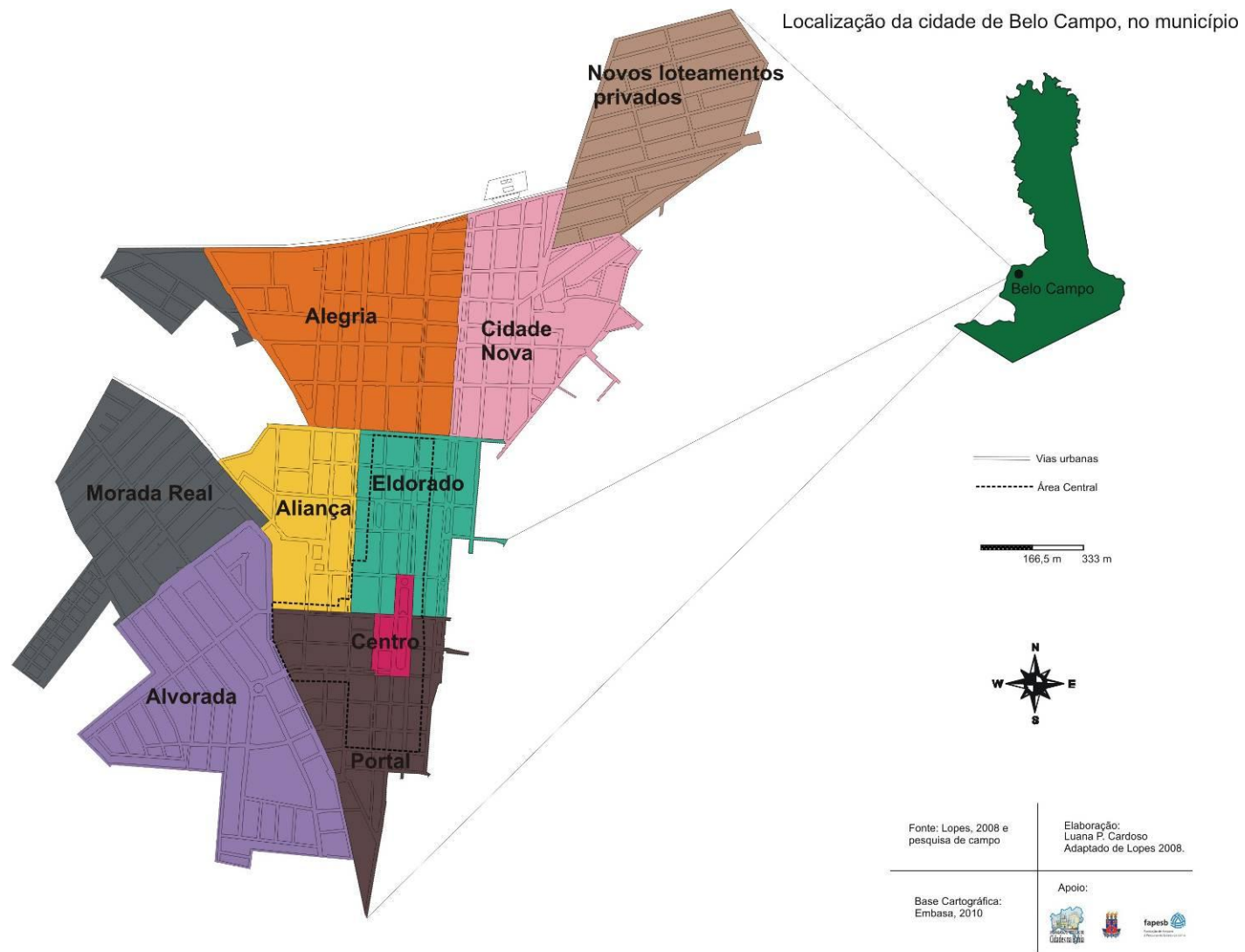


Figura 4: Divisão dos bairros da cidade de Belo Campo, Bahia, 2011.

imobiliária, que, mesmo de forma amena, é sustentada pela atuação do Estado e da expansão do capital.

Unidas a essas questões sobre o urbano, há também a forma que a centralidade exerce na cidade:

A centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), centro de informação e de decisão, etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a uma outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que ele exclui e expulsa para as periferias. (LEFEBVRE, 2008, p.85)

De acordo as exposições do autor, a cidade de Belo Campo pode ser considerada urbana, pois têm todas essas características mencionadas. Nesse sentido, a centralidade de Belo Campo pode ser compreendida como a área central, pois há um centro comercial, que, para os moradores, tem “valor” simbólico; é também o centro de informação e decisão, que parte principalmente da Prefeitura, “figura” política que, de certa maneira, exerce influência no cotidiano dos moradores.

Nesse sentido, o espaço urbano pode ser analisado de forma contraditória, entre uma área que “ordena” e a outra que é “ordenada”, ou seja, nas relações desiguais entre o centro e a periferia. Podemos entender como se estabelece a estruturação urbana de Belo Campo, por meio da relação de oposição/complementariedade entre a área central e a periferia. Lefebvre especifica:

A leitura dos espaços urbanos periféricos ou centrais, não se faz somente sobre os mapas, construindo um código abstrato. Trata-se de uma leitura sintomal por excelência, e não literal. (LEFEBVRE, 2008, p.86)

De acordo essas especificações sobre as áreas urbanas periféricas ou centrais, adjuntas ao processo da análise da estruturação urbana de Belo Campo, “definimos” a área central e as áreas periféricas da cidade. Nessa direção, as relações urbanas são mediadas pelo trabalho, lazer e consumo, que foram preponderantes para o entendimento da estruturação urbana e da cidade.

De acordo os dados obtidos, a área central concentra o número de pessoas com as finalidades de trabalhar, consumir e ter momentos de lazer, praticamente para a maioria dos moradores de todos os bairros.

Sobre o local de trabalho, parte dos moradores não tem lugar fixo para trabalhar, principalmente os moradores do bairro Eldorado e Alvorada, e é onde mora a maioria dos trabalhadores que vivem de bicos, ou seja, trabalhos temporários, 57% e 22%, respectivamente. Isso pode impulsionar, além de outros fatores, no deslocamento de pessoas para cidades maiores, como Vitória da Conquista ou São Paulo, pois nessas cidades o oferecimento de empregos ou trabalhos é maior. Mesmo que esses deslocamentos sejam menos intensos que em épocas anteriores, ainda podem ser considerados resquícios dos processos de industrialização e urbanização. Os moradores que se deslocam com mais frequência para outras cidades são principalmente dos bairros Alegria, Morada Real, Centro, Portal e Alvorada.

Mesmo que na área central o consumo seja mais intenso por parte dos moradores da cidade, surgiram alternativas nos bairros Cidade Nova, Alvorada e Alegria, como segunda opção, e, dependendo da opinião dos moradores, como a primeira. Assim, a centralidade pode se deslocar para outros espaços, de certo modo, segundo a realidade de Belo Campo, com base nas explicações de Lefebvre que já comentamos nesse tópico.

Pode-se apreender que há constante crescimento do comércio voltado para suprir o consumo de necessidades “fundamentais” dos moradores, já que esse o comércio, principalmente dessas áreas periféricas, é mais voltado para mercados, mercearias e padarias, ou seja, de “necessidades” mais básicas, como alimentação. Assim se constitui a expansão do capital, que, de certa maneira, tem uma das causas o crescimento populacional e urbano. Destaca-se também o consumo em outras cidades, como na cidade de Vitória da Conquista, que é justificado principalmente com a vinda do Atacadão, uma rede de supermercados, do shopping Center, etc.

Observamos que a atividade voltada para o lazer para a maioria dos moradores da cidade de Belo Campo não é necessariamente atividade de consumo “direto”, como turismo etc., pois, muitas vezes, o lazer é vinculado apenas ao consumo, já que é uma atividade crescente na nossa sociedade. Uma delas é a expansão do turismo e também de “shopping centers”, típicos de outras cidades ou lugares. Seguindo uma possível

ligação entre renda e classe, as atividades de “lazer” dos moradores da cidade de Belo Campo são: ficar em casa assistindo televisão; ir para igreja, praça e bares; visitar parentes e amigos ou na zona rural ou urbana.

No que diz respeito à estruturação, a área central concentra o “lazer” para grande parte dos moradores, já que essas áreas possuem as praças e bares mais frequentados, e que por sinal podem ser caracterizados numa ordem mais próxima. A televisão, e mais atualmente, a internet, sobretudo essa última, em algumas casas, são mecanismos de comunicações que estão associadas a uma ordem mais distantes; são “instrumentos” que, de certa maneira, induziram mudanças cotidianas em toda cidade, já que o “lazer” fica dentro da casa, entretanto não mais em frente das casas, nas ruas ou praças, além do que proporcionaram mudanças de comportamentos das pessoas, no modo de pensar e agir, logo nas relações delas com a cidade e com outras pessoas. (Figura 5)

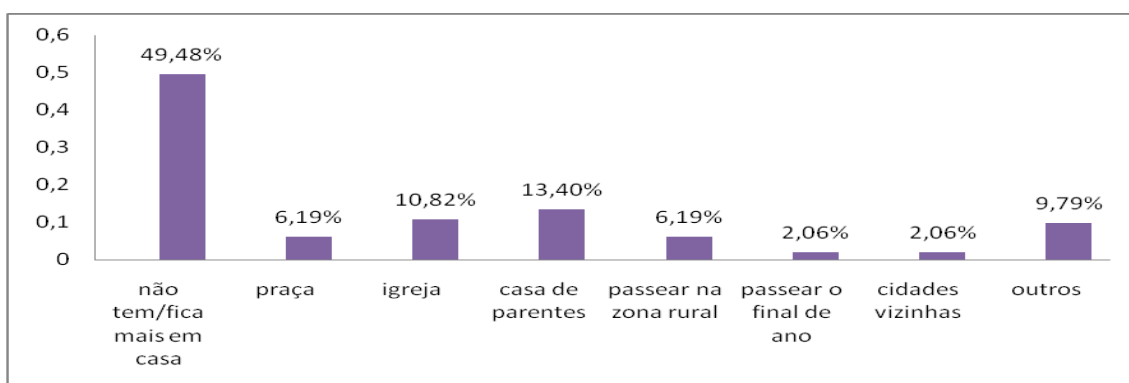


Figura 5: Locais de lazer na opinião dos moradores, segundo os bairros da cidade de Belo Campo. Pesquisa de campo, 2010

Outros itens importantes para estudar as pequenas cidades como vieram demonstrando no decorrer da pesquisa, se estabelece na relação com o campo. Belo Campo se enquadra nessa realidade, mesmo que um pouco menos da metade (47%) revela que costuma ir à zona rural, por vários motivos. Os mais apontados foram trabalho, lazer e por ter terras na zona rural. Tiveram algumas diferenciações entre alguns bairros, porém todos indicaram os passeios, sobretudo como motivo único, os moradores dos bairros Alvorada e Morada Real.

Há também aqueles que possuem terras, principalmente os moradores dos bairros Centro e Portal, Aliança, Eldorado, Cidade Nova e Alegria. Os motivos de se ter

a terra na zona rural são segunda moradia, para poder plantar e criar alguns tipos de animais, aplicação de dinheiro, para ajudar quando se aposentar e lazer. (Figura 6)

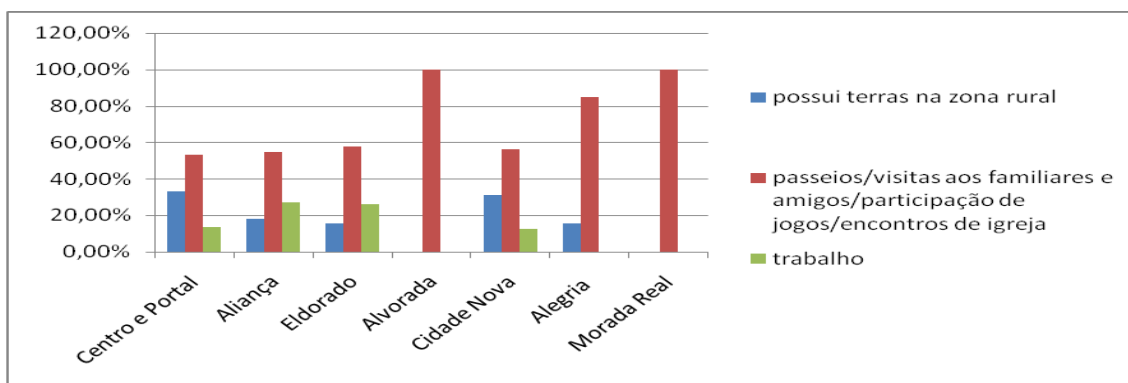


Figura 6: Tipos de relações que os moradores da cidade de Belo Campo têm com a zona rural. Pesquisa de campo, 2010.

A característica de cidades pequenas de terem forte relação com o campo possibilita modos de vida característicos do urbano e rural, pois muitos dos moradores vieram ou têm familiares próximos, que foram ou moram no campo, além das relações de trabalho e lazer que ainda se constituem. Embora o modo de vida urbano predomine, por meio do estímulo do consumo e centralização de determinados espaços, como consequência, segrega determinados grupos de pessoas, mesmo que de maneira implícita e também certos espaços urbanos de Belo Campo.

Considerações Finais

Conforme as ações do Estado e do capital no espaço urbano de Belo Campo, a sociedade foi dividida em classes. Assim, acarretou influências no modo e condição dos moradores da cidade. Nesse contexto, as atuações desses agentes distinguiram a vida cotidiana, através das relações que os moradores estabelecem entre o espaço e os outros moradores. Por isso, uma das variáveis de análise que utilizadas foram o trabalho, consumo e lazer, atividades que fazem parte do mundo contemporâneo, da sociedade capitalista e que podem ser relacionadas para o entendimento da estruturação. Assim, em certa medida, essas atividades podem intensificar as desigualdades no espaço intraurbano, já que pode concentrar em determinadas áreas; ou ao mesmo tempo também não, porque a disparidade econômica e social não é tão evidente, o que acarreta no “modo” e “condição” de vida dos moradores em todo espaço urbano de Belo Campo, que é parecido.

O que podemos considerar sobre a estruturação urbana de Belo Campo é que foram influenciadas pelo processo de urbanização, caracterizada pela mobilidade das pessoas do campo para a cidade pequena. Dessa maneira, trouxeram conseqüências tanto no campo quanto na cidade, num sentido econômico, político e social.

Além disso, o Estado, de certo modo, incentivou a mobilidade campo-cidade, talvez pela falta de incentivos para a fixação do homem no campo; e também pelo provimento de benefícios, como aposentadorias, pensões, ou bolsas famílias. Muitas pessoas do campo se deslocaram para a cidade por achar que não tinham condições de ficar. Ambos os fatores, além de outros, contribuíram para a formação de grupos consumidores e trabalhadores na cidade de Belo Campo, logo para o crescimento do setor de serviços e comércios. Nesse sentido, esses são um dos indícios que mostram que o Estado está adjunto ao capital. Assim, a atividade econômica é concentrada em torno do setor terciário, e isso não significa e significou “desenvolvimento” social.

O capital é o agente econômico que também condicionou as mudanças na estruturação urbana, por meio da formação e constituição do comércio, tanto na área central quanto periférica, e, mais recentemente, de forma intensa, na venda de lotes na periferia. Assim, de certo modo, a expansão do capital acompanhou o crescimento territorial da cidade, até mesmo como em outras cidades brasileiras.

Referências

- BACELAR, W. K. A. As dualidades das pequenas cidades: as cidades com menos de 10.000 habitantes no cerrado triangulino. In: **II Simpósio Regional de Geografia**, 2003, Uberlândia. II Simpósio Regional de Geografia - Internet., 2003.
- CARDOSO, L. P. **A estruturação urbana de Belo Campo/BA: processos, formas e conteúdos**. 2011. 116f. Monografia (Licenciatura em Geografia) Laboratório de ensino em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB). Vitória da Conquista, 2011.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LIMONAD, E. Espaço-tempo e urbanização: algumas considerações sobre a urbanização brasileira. In: **Revista Cidades: Revista científica / Grupo de Estudos Urbanos – Vol.1, n.1, 2004** Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004 – v.5., n.8; p. 243-259.